UNIVERSAL | Apesar da prosa "intraduzível", Guimarães Rosa é um dos autores brasileiros mais conhecidos no exterior

A terceira margem do texto

REPRODUÇÃO



Praça de Cavalhada Nova, Largo do Antigo Mercado, em Diamantina (MG), construído em 1915 como rancho para tropeiros

Quando se reflete sobre a tradução das obras literárias, freqüentemente esbarra-se na questão da viabilidade, ou não, do ato tradutório relativo à poesia. No caso da tradução poética, foi freqüentemente defendida a impraticabilidade da tradução por assim dizer pura: no celebérrimo ensaio *Aspectos lingüísticos da tradução*, Roman Jakobson proclama sem meios-termos que "a poesia é intraduzível por definição" e que só resta a possibilidade da transposição criadora, que naturalmente determina uma reformulação textual do poema em objeto.

Isto vale também para um autor que publicou quase que unicamente prosa (o livro de poemas *Magma* saiu póstumo em 1997, 61 anos depois de ter sido escrito e premiado) como João Guimarães Rosa. O próprio escritor afirma claramente a qualidade poética de sua prosa: em 4 de novembro de 1964, numa das cartas à sua tradutora para o inglês, Harriet de Onis, ele declara: "O que melhor nos aproximará: traduzir como se fosse poesia, poemas, versos e não prosa prosaica".

Ainda Guimarães Rosa, na "Carta a João Condé" que precede os contos de *Sagarana*, expõe seu ideal de estilo: "Um ideal: precisão, micromilimétrica. E riqueza, oh! riqueza – Pelo menos, impiedoso horror ao lugar-comum". A intenção de Guimarães Rosa não foi a de criar uma língua própria (como Joyce em *Finnegan's Wake*) e sim dar vida às infinitas possibilidades da língua portuguesa em todos seus matizes e variações. Obviamente isto não aconteceu sempre com a mesma consciência nem com a mesma determinação, e os êxitos lingüísticos rosianos variam bastante de sua primeira obra até a última, o texto-limite constituído por *O verbo & o logos*, discurso de posse de Guimarães Rosa na ABL. Neste, o autor, deixando de lado a ficção sertaneja e as experiências lexicais, exaspera a sintaxe e expõe livremente sua grande cultura clássica e de poliglota (além da maioria das línguas européias, conhecia latim, grego, japonês, chinês, árabe...).

Enfim, apesar da aura que marca sua prosa, freqüentemente considerada intraduzível, porque expressionista e toda baseada na invenção e na surpresa lexical, Guimarães Rosa (junto com Jorge Amado – este um dos autores mais conhecidos e lidos no mundo – e Paulo Coelho, por mais que este seja controvertido) é um dos autores brasileiros do século XX mais conhecidos, senão lidos, no exterior. Lido também, ele que foi, como escreveu Luciana Stegagno Picchio, além de um extraordinário inventor de linguagem, criador de estórias paradigmáticas que, apresentadas como regionais, são apólogos – o próprio Guimarães Rosa, numa entrevista, disse que Sagarana era "(...) uma série de parábolas, de apólogos..." – que logo atingem a universalidade e nos envolvem, qual que seja nossa origem e nosso idioma. Lido porque há muitas traduções dos textos rosianos, principalmente de *Sagarana*, *Corpo de Baile* e *Grande sertão: veredas* para o francês, o inglês, o alemão, o espanhol e o italiano, entre outros.

Muitas personagens de Guimarães Rosa foram baseadas em pessoas que ele conheceu. Dentre elas, a mais famosa foi o vaqueiro Manuel Alves Nardy, no qual o autor de *Sagarana* se inspirou para criar Manuelzão, personagem da novela Estória de Amor, que integra, com Campo Geral, o primeiro volume de *Corpo de Baile: Manuelzão e Miguilim*.

Manuelzão integrou a comitiva que, em 1952, levou Rosa na famosa viagem de dez dias pelo norte de Minas. Morreu, em 1997, aos 92 anos.

SUBVERSÕES – No começo de sua carreira literária, Guimarães Rosa realizou suas invenções lingüísticas no duplo plano lexical e gramático-sintático, através de regionalismos do Brasil inteiro, termos tupi, arcaísmos, empréstimos de outras línguas, termos eruditos descontextualizados e através de neologismos, não só lexicais, como também sintáticos (como quando o escritor subverte a regência dos verbos). Sucessivamente, os regionalismos, muito presentes no início, são abandonados, até desaparecer completamente. O escritor lança mão de inúmeros recursos formais próprios da poesia como a onomatopéia e a aliteração, freqüentíssima em casos como "Nas ilhas, (à) multicrescem taboqueiras, tabuas, taquaris, taquaras, taquarubas, taquaratingas e taquarassus" (Sagarana); a rima é freqüente e o ritmo tem uma função muito importante. A este respeito, é interessante ver uma outra carta a Harriet de Onis, na qual Guimarães Rosa declara: "Acho ... que as palavras devem fornecer mais do que o que significam. As palavras devem funcionar também por sua forma gráfica, sugestiva, e sua sonoridade, contribuindo para criar uma espécie de música subjacente. Daí o recurso às rimas, às assonâncias, e, principalmente, às aliterações (11.2.1964)".

Outro aspecto fundamental da linguagem rosiana é o uso constante de recursos típicos da oralidade. O autor incorpora em suas narrativas inúmeros elementos pertencentes à tradição popular, desde as canções folclóricas aos ditados, às narrativas interpoladas na narração principal. As estórias de Guimarães

Rosa muitas vezes são transmitidas ao leitor nas formas da oralidade, em diálogos ou em monólogos para um ouvinte silencioso e invisível, como em *Grande sertão: veredas*.

Por isso, verter qualquer uma das obras de Guimarães Rosa para uma outra língua exige do tradutor verdadeiros malabarismos e a consciência de ter que necessariamente sacrificar algo para não tornar a leitura de todo incompreensível: a linguagem rosiana gera ao tradutor todas as dificuldades de um texto poético além das de um texto em prosa. O escritor sabia disso, e tinha receio de que os tradutores não compreendessem ou não soubessem recriar seu universo lírico e narrativo em seus respectivos idiomas. Por isso Guimarães Rosa mantinha uma intensa, infatigável correspondência com muitos de seus tradutores – já foram publicadas aquelas com seu tradutor italiano, Eduardo Bizzarri, com a tradutora de língua inglesa, Harriet de Onis, e com o tradutor alemão, Curt Meyer-Clason (este, especialmente apreciado pelo escritor mineiro).

Nestas cartas, conservadas no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da USP, o autor explica trechos obscuros e expressões incompreensíveis em português, faz desenhos ilustrativos, monta verdadeiros glossários, conta a gênese de determinados neologismos, faz com freqüência o que ele chama de "tentativa de tradução para a linguagem lógico-reflexiva", opina sobre a tradução de palavras, nomes ou frases, expõe muito claramente seu ponto de vista sobre sua obra e como ele gostaria que ela fosse traduzida.

As cartas, portanto, são interessantíssimas tanto para o estudioso como para o leitor de Guimarães Rosa, e constituem uma viagem pela poética e pelo próprio processo de criação do escritor, que desvenda seus hábitos, suas associações, suas manias, sua enorme cultura); ao mesmo tempo ele reflete por assim dizer teoricamente sobre o texto literário em si e a tradução. Assim podemos saber exatamente como o escritor queria que seu texto fosse lido, pelo menos no exterior: ou seja, em seu obstinado perfeccionismo, Guimarães Rosa estava organizando sua recepção literária e crítica.

SILVIA LA REGINA é professora do Departamento de Letras Românicas do Instituto de Letras da Ufba. Traduziu para o italiano *Sagarana*, em 1994.